

LIÇÃO 11 - Quais Formas São Partes da Espécie e da Expressão Inteligível

TEXTO DE ARISTÓTELES: Capítulo 11: 1036a 26-1037b 7

“ 629. Ora, surge apropriadamente o problema sobre quais partes são partes da espécie e quais não são partes da espécie, mas do todo concreto. Pois, se isso não ficar claro, é impossível definir qualquer coisa, porque a definição se refere ao universal e à espécie. Portanto, se não é evidente quais partes são materiais e quais não são, a expressão inteligível da coisa não será claramente conhecida.

630. Assim, no caso de todas aquelas coisas que parecem ser produzidas em matérias especificamente diferentes, como um círculo em bronze, em pedra e em madeira, parece evidente que nenhuma destas, nem bronze, nem pedra, nem madeira, pertence à substância de um círculo, porque ele pode ser separado delas. E, com relação àquelas coisas que não parecem ser separáveis, nada impede que sejam semelhantes a estas, como, por exemplo, se todos os círculos sensíveis fossem de bronze; mesmo assim, o bronze não seria parte da espécie. Mas é difícil separá-lo mentalmente; por exemplo, a espécie de homem sempre aparece em carne, ossos e tais partes. Daí surge a questão se estas são partes da espécie e da expressão inteligível do homem, ou não, mas têm o caráter de matéria. Mas, como tais espécies não ocorrem em outras matérias, não podemos separá-las.

631. Ora, como isto parece ser possível, mas não é claro quando, alguns pensadores ficam perplexos até mesmo no caso de um círculo e de um triângulo, como se não fosse correto defini-los por linhas e pelo contínuo, mas que tudo isso deveria ser predicado de modo semelhante à carne e aos ossos de um homem e ao bronze e à pedra de um círculo. E eles referem todas as coisas a números e dizem que a expressão inteligível de uma linha é a do número dois. E, entre os que falam de Ideias, alguns afirmam que o número dois é a própria linha, e outros afirmam que é a Forma de uma linha; pois alguns dizem que uma Forma e a coisa da qual ela é a Forma são a mesma coisa, por exemplo, o número dois e a Forma da duplicidade; mas isso não é assim no caso de uma

linha.

632. *Segue-se, então, que há uma única Forma de muitas coisas cuja Forma parece ser diferente; e esta é uma conclusão que também enfrentou os pitagóricos (68).*

633. *E é possível [de acordo com esta visão] fazer uma Forma própria para todas as coisas e sustentar que nada mais é uma Forma.*

634. *Contudo, dessa forma, todas as coisas serão uma só. Portanto, que as perguntas sobre definições constituem um problema e por que isso ocorre já foi dito.*

635. *Logo, reduzir todas as coisas dessa maneira e eliminar a matéria é supérfluo; pois talvez algumas coisas sejam um "isso nisto", ou sejam coisas que possuem esses dois princípios. E a analogia do animal, que o jovem Sócrates costumava apresentar, não é boa; pois nos afasta da verdade e nos faz supor que é possível que o homem exista sem partes, assim como um círculo existe sem bronze. Mas este caso não é semelhante; pois um animal é algo sensível e não pode ser definido sem movimento e, portanto, não pode ser definido sem que suas partes estejam dispostas de alguma forma. Pois não é uma mão em qualquer condição que é parte de um homem, mas quando é capaz de desempenhar a função de uma mão. Logo, é parte quando está animada, mas não é parte quando não está animada.*

636. *E com relação aos objetos da matemática, surge a questão de por que as estruturas inteligíveis das partes não são partes da estrutura inteligível do todo (por exemplo, por que os semicírculos não são partes da estrutura inteligível de um círculo), pois eles não são sensíveis. Mas talvez isso não faça diferença; pois haverá matéria de certas coisas e também daquelas que não são sensíveis. E isso será verdade para tudo que não é uma essência ou espécie considerada em si mesma, mas uma coisa particular. Portanto, o semicírculo não será parte do círculo universal, mas os semicírculos serão partes de círculos singulares, como foi dito antes (627); pois alguma matéria é sensível e alguma é inteligível.*

637. *E também é evidente que a alma é uma substância primeira, e que o corpo é matéria, e que o homem ou o animal é o composto de ambas tomado universalmente. E Sócrates e Corisco são compostos de alma e corpo tomados individualmente, isto é, se o termo alma for tomado em dois sentidos; pois alguns tomam alma como alma e outros como o todo. Mas se alma e corpo, sem qualificação, significam esta alma individual e este corpo individual, cada termo é usado tanto como universal quanto como singular.*

638. *Mas se, além da matéria de tais substâncias, existem também outras substâncias, e se é necessário buscar alguma substância diferente nestas, como*

números ou algo deste tipo, deve ser examinado mais tarde (Livros XIII e XIV); pois é por causa destas também que estamos tentando definir substâncias sensíveis, já que, em certo sentido, o estudo das substâncias sensíveis constitui o trabalho da filosofia da natureza, ou segunda filosofia. Pois o filósofo da natureza deve ter conhecimento científico não apenas da matéria, mas também da parte que é inteligível, sendo esta última a mais importante. E com relação às definições, o filósofo deve saber como as partes na expressão inteligível estão dispostas e por que a definição é uma única expressão inteligível; pois é evidente que uma coisa é una. Mas como uma coisa que tem partes é una deve ser examinado mais tarde (733).

639. Já afirmamos, então, o que é a essência de uma coisa e como ela é predicada essencialmente de todas as coisas (582), bem como por que a expressão inteligível da essência de algumas coisas contém as partes da coisa definida e a de outras não. E também afirmamos que aquelas partes que têm a natureza da matéria não são encontradas na expressão inteligível da substância; pois não são partes daquela substância, mas do todo. E, em um sentido, há uma expressão inteligível disto e, em outro sentido, não; pois não há expressão inteligível que envolva matéria, porque esta é indeterminada. Mas há uma expressão inteligível do todo com referência à substância primeira; por exemplo, no caso do homem, há uma expressão inteligível da alma; pois a substância de uma coisa é o princípio especificador intrínseco a ela, e a substância inteira é composta deste princípio junto com a matéria. A concavidade, por exemplo, é tal princípio, pois a partir dela e do nariz derivam o nariz chato e a chatice. Pois o nariz também está contido duas vezes nestas expressões; mas na substância inteira ou no nariz chato ou em Cálías, a matéria também está presente. E também afirmamos que, em alguns casos, a essência da coisa é a mesma que a própria coisa, como no caso das substâncias primeiras; pois a curvatura e a essência da curvatura são a mesma, se a curvatura é primeira. E por primeira entendo aquilo que não se refere a algo como existindo em outra coisa como seu sujeito ou matéria. Mas todas as coisas que têm a natureza da matéria ou são concebidas com matéria não são as mesmas — nem mesmo se são acidentalmente unas, como Sócrates e o músico, pois são acidentalmente as mesmas (590).

COMENTÁRIO

1501. Nesta parte, ele resolve um problema que poderia surgir da resposta à questão anterior; pois, ao responder àquela questão, ele havia distinguido as partes da espécie das partes da coisa individual, que é composta de espécie e matéria. Portanto, ele indaga agora quais partes são partes da espécie e quais não são.

Esta parte está, portanto, dividida em três seções. Na primeira (629:C 1501), ele resolve o problema. Na segunda (638:C 1525), ele mostra o que resta ser discutido (“Mas se”). Na terceira (639:C 1529), ele resume os pontos discutidos (“Já afirmamos”).

Ele diz, portanto, primeiro (629), que, uma vez que foi dito que as partes da espécie são dadas nas definições, mas não as partes da coisa composta de matéria e espécie, há um problema real sobre quais partes são partes da espécie e quais não são partes da espécie, “mas do todo concreto”, i.e., a coisa individual, na qual a natureza da espécie é tomada juntamente com a matéria individuante.

1502. Pois, se isso não for evidente, seremos incapazes de definir qualquer coisa corretamente, porque a definição nunca pertence ao singular, mas apenas ao universal, como foi dito acima (627:C 1493-97). E entre os universais, a espécie está propriamente incluída, e esta é constituída de gênero e diferença, dos quais toda definição é composta; pois um gênero é definido apenas se também houver uma espécie. Logo, fica claro que, a menos que saibamos qual parte tem a natureza da matéria e qual parte não tem, mas pertence à própria espécie, não será evidente qual definição deve ser atribuída a uma coisa, já que é atribuída apenas à espécie. E na definição da espécie é necessário dar as partes da espécie e não aquelas que são posteriores a ela.

1503. Portanto, no caso (630).

Ele resolve o problema proposto; e, quanto a isso, faz três coisas. Primeiro (630:C 1503), dá a solução de acordo com a opinião dos platônicos. Segundo (632:C 1512), a rejeita (“Segue-se”). Terceiro (635:C 1516), resolve-o dando sua própria opinião (“Logo, reduzir”).

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, resolve a dificuldade proposta em relação às coisas sensíveis; e segundo (631:C 1507), em relação aos objetos da matemática (“Agora, visto que isso parece”).

Ele diz, primeiro (630), então, que no caso de algumas coisas é evidente que a matéria não é parte da espécie, por exemplo, todas aquelas que parecem ser produzidas em matérias especificamente diferentes, como um círculo é encontrado produzido em bronze, em pedra e em madeira. Logo, é evidente que nem o bronze, nem a pedra, nem a madeira são parte da substância do círculo, como se fosse uma parte da forma, círculo. E isso é evidente pelo fato de que o círculo pode ser separado de cada uma dessas matérias, e nada pode ser separado de algo que é parte de sua forma.

1504. Mas há algumas coisas cujas espécies não ocorrem como produzidas em matérias especificamente diferentes, mas sempre nas mesmas matérias; por exemplo, a espécie de homem, na medida em que é aparente ao sentido da visão, é encontrada apenas em carne e ossos. No entanto, nada impede que aquelas coisas que não parecem ser separadas de sua matéria própria também estejam relacionadas da mesma forma às suas próprias matérias como aquelas coisas que podem existir em matérias diferentes e ser separadas de cada uma delas.

1505. Pois se sustentássemos que alguns círculos não seriam aparentes aos sentidos a menos que fossem compostos de bronze, nem por isso o bronze seria, dessa forma, uma parte da forma do círculo. E, embora o círculo não fosse então realmente separado do bronze, ainda assim seria separável em pensamento, uma vez que a espécie de círculo pode ser compreendida sem o bronze, já que o bronze não é parte da forma do círculo, embora seja difícil separar e isolar mentalmente um do outro aquelas coisas que não são realmente separadas; pois isso pertence apenas àquelas coisas que podem ser elevadas acima da ordem sensível pelo intelecto.

1506. E, similarmente, se a espécie de homem aparece sempre em carne e ossos e tais partes, é necessário perguntar se estas são partes da espécie de homem "e da expressão inteligível", ou definição, de homem; ou se não são partes da espécie, mas apenas a matéria da espécie, como o bronze é a matéria de um círculo. Mas porque tal espécie não surge em outras partes materiais senão estas, portanto não podemos, por meio de nosso intelecto, separar facilmente o homem da carne e dos ossos; pois o raciocínio parece ser o mesmo neste caso que no de um círculo, se todos os círculos fossem de bronze.

1507. Agora, visto que isto (631).

Em seguida, ele continua sua discussão examinando a opinião recém-tocada na medida em que se relaciona com os objetos da matemática. Ele diz que em alguns casos parece possível que a matéria não seja uma parte da espécie, embora a espécie ocorra apenas na matéria, mas não é evidente quando e em que casos isso é possível ou não. Portanto, alguns pensadores ficam perplexos quanto a isso, não apenas em referência às coisas naturais, mas também em referência aos objetos da matemática, como círculos e triângulos.

1508. Pois parece-lhes que, assim como a matéria sensível não é uma parte da espécie dos seres naturais, de maneira similar a matéria inteligível não é uma parte da espécie das entidades matemáticas. Ora, a matéria inteligível das figuras matemáticas é a quantidade contínua, como linhas e superfícies. Daí se pensava que uma linha não é parte da espécie de um círculo ou triângulo (como se não fosse correto que um triângulo e um círculo fossem definidos por linhas e pela quantidade contínua, já que não são partes da espécie), mas que todas essas coisas estão relacionadas a um círculo e a um triângulo da mesma forma que a carne e os ossos estão relacionados ao homem, e o bronze e as pedras aos círculos.

1509. Mas quando a quantidade contínua, a linha, é removida dos triângulos e círculos, a única coisa que permanece é a unidade e o número, porque um triângulo é uma figura que tem três linhas, e um círculo é uma figura que tem uma. Portanto, não sustentando que as linhas são partes da espécie, eles referem todas as espécies aos números, dizendo que os números são as espécies de todas as entidades matemáticas; pois eles dizem que a estrutura inteligível do número dois é a de uma linha reta, porque uma linha reta é terminada por dois pontos.

1510. Mas entre os platônicos, que postulam as Ideias, há uma diferença de opinião sobre esta matéria; pois alguns deles, i.e., aqueles que não fizeram dos objetos da matemática uma classe intermediária entre as Formas e as coisas sensíveis, mas afirmaram que as Formas são números, disseram que a linha é o número dois, porque não sustentavam que há uma linha intermediária diferente da Forma de uma linha.

1511. Mas outros disseram que o número dois não é uma linha, mas a Forma de uma linha; pois segundo eles, a linha é um intermediário matemático entre as Formas e as coisas sensíveis; e eles disseram que o número dois é a própria Forma do número dois. E, segundo eles, há algumas coisas nas quais a Forma e a coisa da qual ela é a Forma não diferem, por exemplo, os números. Daí disseram que o número dois e a Forma da dualidade são o mesmo. Mas este não é o caso de uma linha, em sua opinião, porque uma linha já expressa algo que participa de uma Forma, uma vez que se encontram muitas linhas em uma espécie; e isso não seria assim se a própria linha fosse

uma Forma separada.

1512. Segue-se, então (632).

Ele agora rejeita a solução dada acima; e apresenta três argumentos, dos quais o primeiro é este: se apenas os números são Formas separadas, todas as coisas que participam de um número participarão de uma Forma. Mas há muitas coisas especificamente diferentes que participam de um número; pois um mesmo número está presente em um triângulo por causa de suas três linhas, e em um silogismo por causa de seus três termos, e em um sólido por causa de suas três dimensões. Daí se segue que há uma Forma de muitas coisas que são especificamente diferentes. Esta foi a conclusão enfrentada não apenas pelos platônicos, mas também pelos pitagóricos, que também afirmavam que a natureza de tudo consiste em números.

1513. E é possível (633).

Em seguida, ele apresenta o segundo argumento, que é o seguinte: se a carne e os ossos não são partes da Forma do homem, e as linhas não são partes da Forma do triângulo, então, por razão similar, nenhuma matéria é parte de uma Forma. Mas no caso dos números, segundo os platônicos, o número dois é atribuído à matéria e a unidade à Forma. Portanto, apenas a unidade constitui a Forma. Mas o número dois, e portanto todos os outros números, na medida em que implicam matéria, não serão Formas. Daí haverá apenas uma Forma de todas as coisas.

1514. No entanto, desta forma (634).

Aqui ele apresenta o terceiro argumento, que é o seguinte: aquelas coisas são uma cuja Forma é uma. Daí se há apenas uma Forma de todas as coisas, segue-se que todas as coisas são formalmente uma, e não apenas aquelas que parecem ser diferentes [mas na realidade não são]. Contudo, pode-se dizer que este terceiro argumento não difere do segundo, mas que é um absurdo que se segue como conclusão do segundo argumento.

1515. Portanto, tendo apresentado os argumentos nos quais se baseia a solução anterior, e tendo apresentado dois argumentos contra essa solução, ele conclui que as questões sobre definições constituem um problema, e que a razão para isso foi exposta. Assim, fica evidente que ele deseja usar tudo o que foi estabelecido para expor a dificuldade relacionada ao problema anterior.

1516. Daí, para reduzir (635).

Ele apresenta agora a verdadeira solução do problema anterior baseada em sua própria doutrina. Ele faz isso primeiro em relação às coisas naturais; e segundo (636-.C 1520), em relação aos objetos da matemática ("E em relação").

Ele diz, portanto, primeiro (635), que, uma vez que os absurdos mencionados acima afligem aqueles que removem da espécie de uma coisa todas as partes materiais, sejam elas sensíveis ou não, é evidente pelo que foi dito que é inútil reduzir todas as espécies de coisas a números ou à unidade e eliminar completamente a matéria sensível e inteligível, como faziam os platônicos.

1517. Pois algumas formas de coisas não são formas sem matéria, mas são "um isto nisto", isto é, uma forma na matéria, de tal modo que o que resulta da forma existente na matéria é a espécie. Ou se não são como uma forma na matéria, são como coisas que têm uma forma na matéria; pois, propriamente falando, as coisas naturais têm forma na matéria, e os objetos da matemática também se assemelham a estas de certa forma, na medida em que a figura de um círculo ou de um triângulo está relacionada às linhas como a forma do homem está relacionada à carne e aos ossos. Portanto, assim como a espécie do homem não é uma forma sem carne e ossos, também a forma de um triângulo ou de um círculo não é uma forma sem linhas. Logo, a analogia do animal, que o jovem Sócrates costumava usar, não é boa.

1518. Ora, parece que o próprio Platão é chamado de jovem Sócrates, porque em todas as suas obras ele introduz Sócrates como interlocutor, já que Sócrates era seu mestre. E a opinião de Platão sobre a materialidade das espécies naturais ele chama de analogia, porque é semelhante a fábulas, que são inventadas com o propósito de transmitir alguma opinião por meio de uma metáfora; e é por isso que ele disse acima, no Livro III (254:C 471; 257:C 474), que essa opinião se assemelha à opinião daqueles que supõem que existem deuses e que suas formas são semelhantes às humanas. Portanto, a visão expressa acima não é boa, porque nos afasta da verdade na medida em que nos faz pensar que é possível para o homem existir sem carne e ossos, assim como é possível para um círculo existir sem bronze, o que claramente não pertence à espécie de um círculo.

1519. Mas este caso não é semelhante; pois um homem não está relacionado à carne e aos ossos da mesma forma que um círculo está relacionado ao bronze, porque um círculo não é algo sensível em sua própria expressão inteligível; pois pode ser entendido sem matéria sensível. Logo, o bronze, que é matéria sensível, não faz parte da espécie de um círculo. Mas um animal parece ser uma coisa sensível, uma vez que não pode ser definido sem movimento; pois um animal é distinguido de algo que não é um animal por meio da sensação e do movimento, como é claro no Livro I de *A Alma*. Portanto, um animal não pode ser definido sem incluir partes corporais, que são dispostas de maneira adequada para o movimento; pois a mão não é uma parte do homem quando existe em qualquer estado, mas quando está disposta de tal modo que pode realizar a obra própria de uma mão; e isso ela não pode fazer sem a alma, que é o princípio do movimento. Logo, é necessário que a mão seja uma parte do homem na medida em que é animada, mas não é uma parte do homem na medida em que não é animada, como a mão de um cadáver ou aquela em uma pintura. Portanto, tais partes que são requeridas para a realização da operação própria da espécie devem ser partes da espécie; tanto aquelas que pertencem à forma quanto aquelas que pertencem à matéria.

1520. E em relação (636).

Em seguida, ele responde à questão em relação aos objetos da matemática; pois, embora a solução tenha sido dada acima em relação às coisas naturais, parece que a dificuldade ainda permanece em relação aos objetos da matemática; pois ele havia dito acima que, uma vez que um animal é sensível, não pode ser definido sem partes sensíveis, assim como um círculo pode ser definido sem bronze, que é matéria sensível. Portanto, "em relação aos objetos da matemática, surge a questão: por que as expressões inteligíveis das partes", ou seja, as definições das partes, "não são partes da expressão inteligível do todo", por exemplo, por que semicírculos, ou metades

de círculos, não são dados na definição de um círculo? Pois não se pode dizer que estes, isto é, os semicírculos, são coisas sensíveis, como o bronze é matéria sensível.

1521. Mas ele responde que não faz diferença para sua tese se as partes materiais são sensíveis ou não, porque existe matéria inteligível mesmo em coisas que não são sensíveis. E tal matéria — o tipo que não é parte da espécie — pertence a tudo cuja essência ou espécie não é idêntica a si mesma "mas é uma coisa particular", isto é, um particular determinado, como se dissesse que em tudo que não é sua própria espécie, mas é um indivíduo definido determinado em espécie, deve haver certas partes materiais que não são partes da espécie. Pois, uma vez que Sócrates não é idêntico à sua própria humanidade, mas tem humanidade, por essa razão ele tem em si mesmo certas partes materiais que não são partes de sua espécie, mas desta matéria individual, que é o princípio de individuação, por exemplo, esta carne e estes ossos.

1522. E, similarmente, neste círculo particular existem estas linhas particulares que não são partes da espécie. Logo, fica claro que partes deste tipo não são partes do círculo universal, mas de círculos singulares, como foi dito acima (627:C 1492). E por esta razão os semicírculos não são incluídos na definição do círculo universal, porque são partes de círculos singulares e não do círculo universal. Isso é verdade tanto para a matéria sensível quanto para a inteligível; pois a matéria é encontrada em ambos os modos, como é evidente pelo que foi dito. Mas se existisse algum indivíduo que fosse idêntico à sua própria espécie, por exemplo, se Sócrates fosse sua própria humanidade, não haveria partes em Sócrates que não fossem partes da humanidade.

1523. E também (637).

Ele agora resume a solução dada acima usando o animal como exemplo. Ele diz que é evidente que a alma "é uma substância primária", isto é, a forma do animal, e que o corpo é matéria, e que "o homem é o composto de ambos", isto é, na medida em que são tomados universalmente; mas que Sócrates ou Córisco é o composto de ambos tomados particularmente, porque "a alma é tomada em dois sentidos", isto é, universalmente e particularmente, como alma e como esta alma. Logo, o que é significado como um todo deve ser tomado tanto universal quanto singularmente, da mesma forma que a alma é tomada em dois sentidos, porque isso está de acordo com ambas as visões que os homens têm da alma. Pois, como foi dito acima (624:C 1467), alguns afirmam que um homem ou um animal é sua alma, enquanto outros dizem que um homem ou um animal não é sua alma "mas o todo", i.e., o composto de alma e corpo.

1524. É evidente, então, de acordo com a opinião que afirma que o homem é sua alma, que o termo alma é tomado tanto universal quanto singularmente, como alma e esta alma; e o termo homem também é tomado tanto universal quanto particularmente, i.e., singularmente, como homem e como este homem. E similarmente, também, de acordo com a opinião que afirma que o homem é um composto de corpo e alma, segue-se que, se coisas simples podem ser tomadas tanto universal quanto singularmente, os compostos também podem ser tomados tanto universal quanto singularmente; por exemplo, se a alma é esta coisa e o corpo é esta coisa, que são referidos sem qualificação como partes do composto, segue-se que os termos universal e particular, ou singular, podem ser aplicados não apenas às partes, mas também ao composto.

1525. Mas se (638)

Ele explica o que ainda precisa ser estabelecido sobre as substâncias; e apresenta as duas questões que devem ser tratadas. A primeira é esta: quando tiver sido estabelecido que a substância e a quiddidade das coisas sensíveis e materiais são partes da espécie, a próxima coisa que precisa ser estabelecida é se existe alguma substância além da matéria "de tais substâncias", isto é, das substâncias materiais e sensíveis, de modo que seja necessário buscar alguma outra substância dessas coisas sensíveis além daquela que foi tratada; como alguns afirmam que existem números separados da matéria, "ou algo do tipo", ou seja, que Formas ou Ideias separadas são as substâncias dessas coisas sensíveis. Isso deve ser investigado mais adiante (Livros XIII e XIV).

1526. Pois esta investigação é a própria desta ciência, porque nesta ciência tentamos estabelecer algo sobre as substâncias sensíveis "por causa destas", ou seja, por causa das substâncias imateriais, porque o estudo das substâncias sensíveis e materiais pertence, em certo sentido, à filosofia da natureza, que não é a filosofia primeira, mas a filosofia segunda, como foi dito no Livro IV (323:C 593). Pois a filosofia primeira trata das substâncias primeiras, que são imateriais, e as estuda não apenas enquanto são substâncias, mas enquanto são tais substâncias, ou seja, enquanto são imateriais. Mas ela não estuda as substâncias sensíveis enquanto são tais substâncias, mas enquanto são substâncias, ou também seres, ou enquanto somos conduzidos por tais substâncias ao conhecimento das substâncias imateriais. O filósofo da natureza, por outro lado, lida com as substâncias materiais, não enquanto são substâncias, mas enquanto são materiais e possuem um princípio de movimento em si mesmas.

1527. E porque alguém poderia pensar que a filosofia da natureza não deveria tratar das substâncias materiais e sensíveis em sua totalidade, mas apenas de suas matérias, ele rejeita isso, dizendo que a filosofia da natureza deve considerar não apenas a matéria, mas também a parte "que é inteligível", ou seja, a forma. E deve considerar a forma mais do que a matéria, porque a forma é natureza em maior grau do que a matéria, como foi provado no Livro II da *Física*.

1528. Segundo, resta estabelecer como "as partes na expressão inteligível", isto é, na definição, estão dispostas: se são partes da substância em ato. E também resta estabelecer por que a definição, quando composta de muitas partes, é uma expressão inteligível una; pois é evidente que a definição de uma coisa deve ser apenas uma expressão inteligível, porque uma coisa é una, e uma definição significa o que uma coisa é. Mas como uma coisa que tem partes é una deve ser investigado mais adiante (733:C 1755).

1529. Dissemos (639).

Em seguida, ele resume os pontos que foram estabelecidos. Ele diz que foi afirmado o que a essência de uma coisa é, e como ela é predicada de todas as coisas, e que é predicada essencialmente. E também foi dito por que a expressão inteligível que significa a essência de algumas coisas contém em si as partes da coisa definida, assim como a definição de uma sílaba contém suas letras, e "por que a de outras não", como a definição de um círculo não contém semicírculos. E, novamente, também foi dito que aquelas partes que são partes materiais da substância não são dadas "na expressão inteligível da substância", isto é, da forma, porque tais partes não são "partes daquela substância", ou seja, da forma, mas são partes do composto inteiro.

1530. Ora, em certo sentido, há uma definição desse tipo de composto, e em outro sentido, não; pois se é tomado "com matéria", ou seja, o indivíduo, não há definição dele, já que os singulares não são definidos, como foi dito acima (627:C 1493). A razão é que tal matéria individual é algo ilimitado e indeterminado; pois a matéria é limitada apenas pela forma. Mas se o composto é tomado "com referência à substância primária", isto é, à forma, ele tem uma definição; pois o composto é definido quando tomado especificamente, mas não quando tomado individualmente.

1531. E assim como o indivíduo é individualizado pela matéria, de maneira semelhante cada coisa é colocada em sua espécie própria por sua forma; pois o homem é homem, não porque tem carne e ossos, mas porque tem uma alma racional nesta carne e nestes ossos. É necessário, então, que a definição da espécie seja tomada a partir da forma, e que apenas aquelas partes materiais sejam dadas na definição da espécie, nas quais a forma tem o papel principal e primário, como a expressão inteligível do homem é aquela que contém alma; pois o homem é homem porque tem tal alma. E por essa razão, se o homem é definido, ele deve ser definido por sua alma, mas em sua definição devem ser incluídas as partes do corpo nas quais a alma está primeiro presente, como o coração ou o cérebro, como foi dito acima (626:C 1489).

1532. Pois a substância, da qual a matéria não é parte, "é o princípio especificante", isto é, a forma, que está presente na matéria; e desta forma e matéria "a substância total" é derivada, ou seja, tornada determinada e definida; por exemplo, a concavidade é uma forma deste tipo, pois dela e do nariz derivam o nariz aquilino e a aquilidade. E da mesma maneira, o homem e a humanidade derivam da alma e do corpo. Pois se o nariz, que desempenha o papel de matéria, fosse parte da curvatura, então quando se refere ao nariz curvo, o termo nariz seria expresso duas vezes; pois é expresso uma vez por seu próprio nome, e é incluído novamente na definição do curvo. No entanto, isso seria o caso se o nariz fosse colocado na definição do curvo como parte da essência da curvatura, e não por adição, como foi dito acima (624:C 1472). E embora a matéria não esteja presente na essência da forma, ela está, no entanto, presente na substância composta total; por exemplo, a curvatura está presente no nariz aquilino, e a matéria individual também está presente em Cálías.

1533. Também foi dito acima (591:C 1362) que a essência de cada coisa é a mesma coisa da qual é a essência. Isso é verdadeiro sem qualificação em alguns casos, "como no caso das substâncias primárias", isto é, no das substâncias imateriais, assim como a própria curvatura é a mesma que a essência da curvatura, desde que a curvatura pertença às substâncias primárias. Ele diz isso porque a curvatura parece ser uma forma na matéria, embora não na matéria sensível, mas em uma matéria inteligível — a quantidade contínua. Ou, segundo outro texto, "que é primeira"; pois há uma curvatura primária, como a curvatura que existe entre as Formas separadas, segundo os platônicos, e dessas Formas é universalmente verdadeiro que cada uma é a mesma que sua própria essência. Mas a outra curvatura que está presente nas coisas sensíveis ou nos objetos da matemática não é primária. Portanto, não é a mesma que sua essência.

1534. E ao explicar isso, ele diz que não usa o termo substância primária aqui para significar uma substância particular, como faz nas *Categorias*, mas para significar algo que não existe em outra coisa "como em um sujeito ou matéria", ou seja, aquelas coisas que não são formas na matéria, como as substâncias separadas. Mas todas aquelas que têm a natureza da matéria ou são concebidas com matéria, como os compostos, que têm matéria em sua expressão inteligível, não

são as mesmas que sua essência. Nem aquelas predicções que são acidentais formam uma unidade, como Sócrates e músico são o mesmo acidentalmente.

1535. Agora, deve-se notar que da opinião que ele expressou aqui de que cada coisa e sua essência são as mesmas, ele agora exclui dois tipos de coisas: (1) coisas que são acidentais e (2) substâncias que são materiais, embora acima ele tenha excluído apenas aquelas coisas que são ditas acidentais. E é necessário não apenas excluir as primeiras, mas também excluir as substâncias materiais; pois, como foi dito acima (622:C 1460), o que a definição significa é a essência, e as definições não são atribuídas a indivíduos, mas a espécies; e, portanto, a matéria individual, que é o princípio de individuação, é distinta da essência. Mas na realidade é impossível para uma forma existir exceto em uma substância particular. Portanto, se alguma coisa natural tem matéria que é parte de sua espécie, e isso pertence à sua essência, ela também deve ter matéria individual, que não pertence à sua essência. Portanto, se alguma coisa natural tem matéria, ela não é sua própria essência, mas é algo que tem uma essência; por exemplo, Sócrates não é a humanidade, mas algo que tem humanidade. E se fosse possível para um homem ser composto de corpo e alma e não ser este homem particular composto deste corpo e desta alma, ele ainda seria sua própria essência, mesmo que contivesse matéria.

1536. Agora, embora o homem não exista separadamente dos homens singulares na realidade, no entanto, o homem é separável em sua expressão inteligível, que pertence ao domínio da lógica. Portanto, acima (578:C 1308), onde ele considerou a essência do ponto de vista da lógica, ele não excluiu as substâncias materiais de serem sua própria essência; pois o homem como universal é o mesmo que sua essência, logicamente falando. E agora, tendo chegado aos princípios naturais, que são matéria e forma, e tendo mostrado como eles se relacionam com o universal de diferentes maneiras, e com a coisa particular que subsiste na natureza, ele agora exclui as substâncias materiais, que existem na realidade, da afirmação que havia feito acima de que a essência de uma coisa é a mesma que a coisa da qual é a essência. Além disso, segue-se que aquelas substâncias que são apenas formas subsistentes não têm nenhum princípio individualizante extrínseco à expressão inteligível (da coisa ou da espécie) que significa sua quiddidade. Sobre essas coisas, então, é verdade que cada uma é, sem qualificação, a mesma que sua própria essência.

Revision #2

Created 16 September 2026 22:20:10 by Admin

Updated 16 September 2026 22:29:41 by Admin